

INTOLERÂNCIA RELIGIOSA E SUAS REPRESENTAÇÕES EM PÁGINAS DE NOTÍCIAS ONLINE: UM ESTUDO EM HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE

ROSIANE ORENDE DA SILVA¹; ADHEMAR LOURENÇO DA SILVA JÚNIOR²

¹Universidade Federal de Pelotas, UFPel – orenders@bol.com.br

²Universidade Federal de Pelotas, UFPel – adhemarj.ez@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa abordada neste trabalho visa refletir acerca da representação escrita e imagética feita por páginas de notícias online a respeito de casos de intolerância religiosa – física ou simbólica – contra seguidores de religiões de matriz africana bem como seus locais de culto. A pesquisa versa a respeito de duas empresas principais e de alcance nacional: A Globo.com [<http://g1.globo.com/>] que tem como a principal página a G1; e a Universo Online, cujas páginas de notícia observadas foram a Uol Notícias [<https://noticias.uol.com.br/>] e a Folha de São Paulo [<http://www.folha.uol.com.br/>]. As notícias expostas nestas páginas serão, também, comparadas às notícias publicadas por jornais locais (também online).

O processo histórico de construção do Brasil, como nação, abarcou grupos culturais distintos e suas religiosidades, de forma que, atualmente, a cultura do país constitui-se de religiões diversas. O censo de 2010 do IBGE aponta que 64,4% das pessoas são católicas, enquanto 22,2% declaram-se evangélicas. Os adeptos ao Candomblé e à Umbanda representam 0,3% dos brasileiros – porcentagem que se torna ligeiramente mais expressiva nas regiões sul e sudeste. Apesar de representarem uma minoria, segundo PRANDI (2013) essas religiões também constituem a cultura do Brasil, deixando a própria esfera do religioso e atingindo a arte e o cotidiano.

A intolerância frente a estas religiões – aqui referenciadas como religiões de matriz africana, embora o termo englobe religiões diversas e distintas – está pautada, conforme aponta OLIVEIRA (2013), na imposição de uma cultura advinda da Europa. No caso das religiões de matriz africana, a intolerância está relacionada, também, ao racismo originado no Brasil escravista e que persiste no pós-abolição. SILVA (2015) aponta que após o fim da escravidão os cultos da população negra persistem, deixando muitas pessoas descontentes, pois a valorização do cristianismo – religião branca e da elite – está na base da construção cultural do país, no que diz respeito à religiosidade. A intolerância religiosa é, na opinião de Rocha (2011) um dos fatores de violência contra a população negra, que sente que sua cultura não pode ser expressa livremente.

Cabe esclarecer, também, que esta pesquisa está inserida dentro dos estudos em História do Tempo Presente (HTP), seu principal referencial teórico. FERREIRA (2000) aponta que a HTP foi bastante criticada quando passou a constituir-se como teoria acadêmica, pois esta historiografia seria incerta e, portanto, questionável. Atualmente, vários teóricos vem apontando as vantagens da HTP. TETART; CHAUVEAU (1999) colocam que a HTP se aproxima da História Cultural. Além disso, estes autores apontam a HTP permite pensar o historiador e obra dentro do momento histórico em que vivemos.

Também em defesa da HTP, DOSSE (2001) afirma que o presente também é histórico, de modo que a História não se constitui somente do passado; o autor afirma que muito mais do que uma continuação da História do passado, a HTP representa uma lacuna, anteriormente negligenciada pela produção

historiográfica, e que passou a ser pesquisada. No mento sentido, FERREIRA (2000) aponta que a HTP trouxe uma nova perspectiva à historiografia, que passa a preocupar-se, também, com o presente.

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada respeitou o modelo de fonte escolhida: notícias online. Estes documentos são ao mesmo tempo documentos jornalísticos e documentos cujo suporte é virtual. Apesar de não ter um suporte material, ALMEIDA (2011) aponta que documentos são registros de informações que podem ser utilizados para a pesquisa científica, independentemente de haver suporte material. A web 2.0, na visão deste autor, facilitou que as pessoas construíssem conteúdo online, fazendo crescer o número de fontes disponíveis neste formato. Existe, portanto, um sem fim de informações, conforme aponta Rodrigues (2014), de modo que é impossível para um pesquisador conhecer tudo que há na internet. O autor esclarece que, sendo fruto de seu tempo, a internet não é privada de história, e as fontes virtuais possuem a mesma historicidade das demais.

A escolha das fontes online se deu pela forma como atualmente a população acessa as notícias. Anualmente é realizada a pesquisa TIC Domicílios, que busca compreender de que forma as pessoas utilizam as tecnologias de informação e comunicação no Brasil. Os dados de 2016 são de que 49% dos indivíduos com acesso à internet já se informaram utilizando páginas de notícias online. Além disso, o acesso à internet também não está mais restrito a uma minoria rica no Brasil, os dados da última edição da TIC Domicílios aponta que 66% da população brasileira faz uso da internet.

Apesar de não serem fontes impressas, os documentos utilizados na pesquisa ainda configuram fontes jornalísticas. Isto significa que a análise das mesmas deve seguir metodologia própria para este tipo de fonte: a respeito do método, LUCA (2008) coloca que é necessário entender a história do jornal, para analisar corretamente as notícias publicadas por ele; é preciso entender qual é o autor e qual é seu público. LEITE (2015) afirma que as fontes jornalísticas passam a ser aceitas na pesquisa histórica com a escola dos Annales, que promove a ampliação de fontes; os jornais não são fontes oficiais, podendo corroborar com o discurso ideológico dominante ou não.

Assim, na primeira fase da pesquisa, se fez uma seleção das fontes, que foram retiradas das páginas: G1 (Globo.com), Uol Notícias e Folha de São Paulo (Universo Online – UOL). Além da UOL notícias, utilizaram-se também as fontes da Folha de São Paulo, jornal online que também pertence a UOL. A representação dos casos de intolerância trazidos por estas páginas serão comparados com notícias publicadas em páginas locais – entre elas as páginas do Correio Brasiliense, do VG Notícias, do Jornal O Dia, do Diário Gaúcho, do Diário MS, do Globo, entre outras. Todas as fontes foram salvas através da fotografia da página de notícias, de modo que mesmo que sejam excluídas, as notícias ainda poderão ser acessadas para fins desta investigação. Posteriormente, deu-se início a análise destas fontes, processo em andamento.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme já exposto no tópico anterior, a pesquisa ainda está em andamento, de modo que os resultados estão em processo de construção, a partir da análise das fontes selecionadas. Algumas questões, porém, já ficaram

evidentes e serão ressaltadas neste tópico. Serão analisadas 25 notícias ao todo, que fazem referência a sete casos de intolerância, além destes, algumas notícias referem-se, ainda, ao quadro geral; com caráter de reportagem, dão conta das estatísticas sobre as denúncias e da situação do Brasil no que diz respeito à esta temática.

Duas das notícias que mais repercutiram foram casos de violência religiosa contra crianças. A principal delas, trata de uma menina de 11 anos, atingida por uma pedra na saída de um culto de Candomblé na Zona Norte do Rio de Janeiro. O fato ocorreu em 2015. A alta repercussão da notícia é demonstrada tanto no site da G1 quanto na UOL notícias, que não trazem apenas notícia do apedrejamento, mas notícias paralelas sobre o caso. As imagens buscam trazer a violência do ato, mostrando um pano ensanguentado e a vítima com um curativo na cabeça.

Outras notícias sobre este caso, abordam uma manifestação pelo fim da intolerância religiosa, que traz imagens da menina com outros membros do culto. Há notícias que não são nem mesmo de um desdobramento do caso, mas de falas da vítima, como uma manchete da G1 que afirma que a menina teria dito ser “Oxalá quem deve perdoar os agressores”. O encontro da jovem com o arcebispo Dom Orani, mostrando a solidariedade de um bispo católico com o acontecido também foi trazido pela G1.

Percebe-se o forte interesse em divulgar o encontro na mídia, visto que a mesa de café da manhã onde o arcebispo encontrou-se com a criança foi fotografada de perto. Este encontro pareceu ser trazido como uma tentativa de mostrar que as religiões afro-brasileiras e de matriz africana e as religiões cristãs e monoteístas não estão em lados opostos combatendo entre si. Apesar disso, embora a UOL Notícias apenas aponte que os agressores teriam provocado os seguidores do Candomblé antes de atirar a pedra, o site G1 traz o depoimento da avó da jovem, que afirmou que os agressores disseram que eles iriam para o inferno e Jesus estava voltando, além de erguer uma Bíblia.

Outro caso de grande repercussão foi o do menino impedido de entrar na escola usando guias de Candomblé. Segundo o G1, o menino de 12 anos estava se iniciando na religião e foi impedido pela diretora de entrar na escola em que estudava na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, em 2014. Este traz uma violência simbólica e não física, portanto as notícias são menos carregadas de imagens. Posteriormente, a mesma página traz outra notícia a respeito do caso, que mostra o encontro do menino e sua mãe com o prefeito Eduardo Paes. Agora, o jornal busca mostrar não a tolerância religiosa por parte de outras religiões (como fez no encontro da jovem apedrejada com Dom Orani), mas a defesa estatal dos direitos de livre manifestação da religião. O inimigo, portanto, não são outras religiões que pregam a intolerância ou a falta de proteção do Estado. O inimigo é posto sempre como um indivíduo ou grupo intolerante.

4. CONCLUSÕES

Como a pesquisa segue em andamento, não é possível adiantar conclusões, afora a possibilidade de se abordar o fenômeno em foco por meio da metodologia proposta acerca da abordagem da intolerância religiosa contra as religiões de matriz africana em notícias de páginas online. A pesquisa se insere na História do Tempo Presente e faz diálogo com a história cultural, utilizando-se de fontes jornalísticas cujo suporte é virtual. Insere-se também nas discussões acerca da intolerância religiosa associada ao racismo, e das violências que sofrem os praticantes e locais de culto de religiões de matriz africana.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAUVEAU. A; TÉTARD, Ph (orgs.). **Questões para a história do presente**. Bauru: Edusc, 1999.

DOSSE, F.. História do tempo presente e historiografia. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, n.1, v.4, p.5-22, 2012.

FERREIRA, M. M. História do tempo presente: desafios. **Cultura Vozes**, v.94, n.3, p.111-124, 2000.

LEITE, Carlos Henrique Ferreira. O uso dos jornais para o conhecimento histórico: teoria e metodologia. In: **CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA UEPG – UNICENTRO**, 2. Anais... Ponta Grossa : UEPG, 2015

LUCA, Tania Regina de. Fontes Impressas – Histórias dos, nós e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

OLIVEIRA, A. M. Preconceito, estigma e intolerância religiosa: a prática da tolerância em sociedades plurais e em Estados Multiculturais. **Estudos de Sociologia**. Recife, v.13, n.1, p.239-264, 2007

PRANDI, R. Sobre religiões afro-brasileiras. **Horizonte - Dossiê: Religiões Afro-brasileiras**, v.11, n.29, p.10-12, 2013.

ROCHA, José Geraldo da. A intolerância religiosa e religiões de matrizes africanas no Rio de Janeiro. **Revista África e Africanidades**, ano 4, n.14/15, p. 1-20, 2001.

RODRIGUES, Pedro Eurico. A teia, a tela e o tempo: internet e história do tempo presente. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v.6, n.12, p.131-150, 2014.